

# CONSIDERAÇÕES SOBRE ALGUMAS CRÍTICAS AO EXISTENCIALISMO DE SARTRE

Élida Karla Alves de Brito<sup>1</sup>  
Maria Veralúcia Pessoa Porto<sup>2</sup>

## RESUMO:

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma reflexão a respeito do existencialismo sartreano, fazendo menção das críticas que lhe foram lançadas. Tais críticas se encontram expressas na conferência *O Existencialismo é um Humanismo*, através da qual o filósofo busca esclarecer o significado do existencialismo e defendê-lo das várias acusações que lhe foram imputadas, principalmente por marxistas e cristãos. Para a compreensão sartreana, o homem é senhor do seu destino e, uma vez lançado no mundo, é o único responsável por tudo o quanto fizer. Essa compreensão se tornará um dos principais fatores que levarão os críticos de seu existencialismo a classificá-lo como uma doutrina obscura, de dureza pessimista, desesperada e que, ainda, carregava sobre si uma espécie de configuração capitalista. Sartre pretende mostrar como, contrariamente ao que diziam as críticas, sua filosofia aponta um caminho de emancipação da humanidade pelo exercício da liberdade.

**Palavras-chave:** Existencialismo. Sartre. Críticas.

## ABSTRACT:

The present study aims to present a reflection about the Sartre's Existentialism, making mention of the criticisms, which have been released. Such criticisms are expressed at the Conference *The Existentialism is a Humanism*, through which the philosopher seeks to clarify the meaning of Existentialism and defend him of several charges imputed to him, mainly by Marxists and Christians. To understanding of Sartre, man is master of his fate and, once released into the world, he is solely responsible for everything as he does. This understanding will become one of the main factors that will lead critics of your Existentialism to classify it as a doctrine obscure, pessimistic hardness, desperate and also carried on a kind of capitalist setting. Sartre seeks to show how, contrary to what critics say, his philosophy points a way of emancipation of mankind by the exercise of freedom.

**Keywords:** Existentialism. Sartre. Criticism.

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho estuda a compreensão do existencialismo defendido por Jean-Paul Sartre em seu *O existencialismo é um humanismo*, conferência publicada originalmente em 1946. Procura-se refletir sobre as numerosas críticas que foram lançadas ao pensamento

---

<sup>1</sup> Graduada em Filosofia na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN (E-mail: karlinhazinha17@hotmail.com).

<sup>2</sup> Graduação (bacharelado e licenciatura) e Mestrado (Filosofia Prática) pela Universidade do Estado do Ceará/UECE. Aluna regular do doutorado em filosofia da Universidade Federal da Paraíba/UFPB (E-mail: veraluciapessoaporto@gmail.com).

existencialista sartreano, mais especificamente aquelas de viés marxista e cristão, mencionadas pelo próprio autor em sua referida conferência.

O existencialismo surge como uma tentativa de compreender o homem através de seu modo de ser na existência. Para tanto, leva em consideração não apenas sua individualidade, mas também as diversas circunstâncias enfrentadas por ele no cotidiano, situações estas imediatamente refletidas na sua vida em sociedade.

Considerado mais extensivamente, o existencialismo, principalmente por influência de Sartre, difundiu-se como uma filosofia do abandono da predominância da essência sobre a existência, sublinhando a preocupação com a liberdade humana e a consequente responsabilidade implicada em seu exercício. De maneira geral, é possível afirmar que o existencialismo concentra grande preocupação no indivíduo que, através de sua liberdade, mostra-se protagonista de sua existência, mas que, ao mesmo tempo, encontra-se diante de uma encruzilhada por perceber que, ao projetar sua vida através de suas escolhas, baseadas em suas experiências e perspectivas, carrega sobre si a total responsabilidade por todas as suas ações.

O problema está, precisamente, na compreensão da concepção de existência imputada à filosofia de Sartre. Ao admitir que a existência se dê através de escolhas individuais, que o sujeito faz livremente nas situações que ele venha a encontrar durante seu percurso vivencial, é possível compreendê-la apenas como o resultado de uma subjetividade isolada e, até mesmo, que essa filosofia pode dar margem para uma permissividade desmedida.

Nesse sentido, seria possível supor que a compreensão do homem como jogado no mundo, tendo diante de si inúmeros caminhos, a respeito dos quais ele é completamente livre para escolher, pode configurar um individualismo demasiado, esquecido da dimensão social da ação? É notório que esse é um dos principais motivos pelos quais marxistas e cristãos vão criticar o existencialismo.

Os intelectuais de viés marxista e os de inclinação cristã aceitam a ideia de que, para o existencialismo, o homem estaria encurralado, preso a situações para as quais aparentemente não há nenhuma orientação prévia, e, assim, a “condenação à liberdade” que aparece na filosofia de Sartre passa a ser erroneamente compreendida como algo que leva o homem a não dever nunca decidir verdadeiramente.

Em contrapartida, na visão dos críticos, ainda que o homem exprimisse alguma responsabilidade em sua ação, isto é, mesmo que ele atue como construtor de sua vida, nesse construir, é como se ele considerasse apenas a preocupação consigo mesmo e deixasse de lado a ação social; como se cada homem, de fato, justificadamente só pensasse em si, em seu bem, nos seus projetos, na sua vida, não havendo espaço para as ações e projetos do Outro. Em suma, como se para ele só a preocupação pela individualidade e jamais pelo coletivo pudesse ser justificado,

Desse modo, as críticas lançadas ao existencialismo sartreano o afirmam como um pensamento demasiado sombrio e pessimista frente à vida e, ainda, sujeito a se tornar uma filosofia meramente contemplativa de configuração burguesa e descompromissada com os movimentos sociais. Uma filosofia, enfim, da permissividade, isto é, para a qual tudo é permitido.

Sartre escreve *O existencialismo é um humanismo* na tentativa de responder ao que ele considerava como equívocos dos seus acusadores. Para isso, ele elabora o seu próprio conceito de existencialismo e o distingue de outra corrente que seria o existencialismo cristão, apontando que o existencialismo ateu, aquele do qual ele faz parte, é mais coerente. Como veremos, parece-nos que, ao afirmar que Deus não existe, o que se apresenta para a filosofia de Sartre é uma estratégia de libertação do homem, no sentido de que esse tome posse do seu viver e de sua responsabilidade.

Sendo assim, se faz necessário compreender como para Sartre o existencialismo é um humanismo que permite ao homem tomar posse do poder sobre si mesmo, eliminando qualquer determinação. Com efeito, afirmar que a existência precede a essência é afirmar que o homem não pode ser previamente definido, tornando-o então livre para agir autonomamente e para assumir toda a responsabilidade aí comportada.

## 2. AS CRÍTICAS AO EXISTENCIALISMO

O existencialismo sartreano carrega sobre si a compreensão do homem como o senhor (ou legislador) do seu destino e o coloca sempre na posição de responsável por seus atos, sendo-lhe negada qualquer escapatória. Por isso mesmo, o existencialismo passou a ser compreendido por muitos como uma filosofia obscura propagadora da angústia e do lado melancólico da vida humana. Tal modo de compreensão acabou por atribuir ao existencialismo e, mais especificamente, ao existencialismo de Sartre, numerosas críticas. Em decorrência dessas, Sartre promoveu em 1946 a conferência *O existencialismo é um humanismo*, como tentativa de esclarecer o significado do existencialismo, bem como, para se defender das diversas acusações que lhe foram feitas.

Dentre as críticas que Sartre buscou esclarecer na conferência de 1946 estavam as dos intelectuais intitulados como marxistas e aquela dos cristãos, com mais rigor a dos católicos, que, por isso, merecem aqui serem analisadas.

### a) A crítica dos marxistas

Conforme Sartre nos mostra logo no início da conferência, a crítica que mais forte lhe é imposta pelos marxistas é a de que a filosofia existencialista nada mais era do que uma expressão burguesa que não considerava os reais problemas e enfrentamentos da sociedade capitalista e, acima de tudo, opressora.

Sobre este aspecto é interessante observar que uma parte da expressão marxista, buscava uma mudança imediata e se necessária radical da sociedade. Nesse entendimento, recursos como guerra e a tomada de poder seriam lícitos quando o objetivo fosse a justiça social. Mais ainda, segundo essa compreensão, a luta, a ação imediata é propriamente o que aponta ao desejo de mudança social e, assim, tudo o que se mostre contrário ou preso a abstrações estaria se desligando, fugindo desse compromisso. É nesse sentido que os marxistas atacam a filosofia sartreana, acusando-a de manter o homem em um estado de

quietismo sem esperanças. Sartre assim se expressa a respeito dessa crítica contra seu existencialismo:

Primeiramente, criticam-no por incitar as pessoas a permanecerem num quietismo de desespero, porque, estando vedadas todas as soluções, forçoso seria considerar a ação neste mundo como totalmente impossível e ir dar por fim a uma filosofia contemplativa, o que, aliás, nos conduz a uma filosofia burguesa, já que a contemplação é um luxo [...]. (SARTRE, 1973, p. 09)

Conforme Sartre, é possível observar que por compreenderem erroneamente que o existencialismo impossibilitaria a ação, pois fecharia todos os caminhos e encerraria todas as soluções para os dilemas que o homem enfrenta, negando ao homem toda e qualquer possibilidade de escolha, a crítica marxista é deturpante. Isso porque, ao conceber que o homem estaria jogado no mundo sem desculpas e “*condenado a ser livre*”, o existencialismo se tornaria uma filosofia apenas contemplativa que não age para a modificação da realidade enfrentada pelo homem, apenas a interpreta.

Sobre este aspecto é interessante observar que embora os marxistas criticassem o existencialismo sartreano, eles próprios (os marxistas de inclinações comunistas), no modo como se determinavam, circunscreviam as mesmas contradições que ora se instaurava nas determinações da sociedade capitalista. Na realidade, mais parecia que eles estavam copiando as determinações vigentes, sem eliminar nenhum tipo de contradição, do que se projetando.

Senão vejamos: a luta, a guerra para a tomada do poder das mãos dos capitalistas por parte dos oprimidos era considerada justa apenas idealmente. Analisando os fatos, tinha-se simplesmente que o proletariado não faz guerra à classe dirigente porque ele considera que essa guerra seja justa, mas que o proletariado faz guerra à classe dirigente porque ele quer tomar o poder. E porque ele quer derrubar o poder da classe dirigente ele considera que essa guerra é justa. Quem garantiria que o proletariado, uma vez de posse do poder, não exerceria para com as classes sobre as quais acaba de triunfar um análogo poder violento, ditatorial e, até mesmo, sangrento? É nessa perspectiva que o existencialismo traça a liberdade vinculada à responsabilidade e não ao total descaso ou a uma espécie de radicalidade triunfante. Sobre a crítica do quietismo do desespero se sobrepõe, então, o homem que ao se projetar não se desumaniza.

Ora, tal entendimento nos antecipa algo quanto à outra crítica que é posta pelos marxistas ao existencialismo de Sartre, segundo a qual esse traria à tona apenas o lado obscuro da vida “[...] mostrando em tudo o sórdido, o equívoco, o viscoso, e por descarmos um certo número de belezas radiosas, o lado luminoso da natureza humana” (SARTRE, 1973, p. 09). Assim, Destacando principalmente o lado ignóbil do homem o existencialismo deixaria de lado a solidariedade humana.

Sartre afirma que essa compreensão equivocada dos marxistas se dá, sobretudo, pelo fato de que para compreender a existência, faz-se necessário partir da condição do sujeito que se projeta, que não copia modelos ou que não busca seguir os mesmos moldes de determinações sociais, apenas causando uma espécie de reviravolta. E mais, existe uma

grande diferença entre o homem a se projetar e um projeto que deve valer para uma parte da sociedade como eram as ideias propostas pelos comunistas.

Isso não significa que Sartre negue a análise das condições sociais, ao contrário, ele percebe as implicações que podem ocorrer quando o homem deve definir suas ações por um ideal, um modelo, pois ao observar o homem no seu projetar-se, tanto para Sartre como para os demais existencialistas é preciso partir do sujeito em sua individualidade, isto é do *cogito* cartesiano, “*da subjetividade pura*”. Mas, ao se adotar tal método como ponto de partida, alegam seus acusadores, acaba-se por tornar os homens “[...] incapazes de regressar à solidariedade com os homens que existem fora de mim e que não posso atingir no cogito”. (SARTRE, 1973, p. 9).

Então, a compreensão marxista do existencialismo alega ser impossível que algo que parta do homem ao se projetar a partir da subjetividade, alcance o que está ao seu entorno. O sujeito existencialista parece não poder reconhecer o que está a sua volta: os dilemas, as angústias, e até mesmo o Outro, pelo simples fato de que para compreender a existência humana o ponto de partida é o próprio homem.

Esclarecendo quanto a essa posição, constatamos, primeiramente, que há em Sartre a necessidade de se partir do cogito, pois esse seria o momento no qual o homem se percebe como consciência, como sujeito ativo e capaz por ele mesmo de conhecer o verdadeiro. Mostrando com isso que o cogito, entendido como o faz Sartre, confere ao homem uma espécie de dignidade “[...] que não faz dele um objeto”. (SARTRE, 1973, p. 21). Neste sentido, o próprio Sartre chega a diferenciar o existencialismo do materialismo, apontando que este último, ao tratar todos os homens como uma espécie de “totalidade”, sem levar em conta o modo como cada um age diante das situações, nem as experiências de cada um, acaba por não distingui-lo das mesmas determinações a que estão envoltos os objetos.

Todo materialismo leva a tratar todos os homens, cada qual incluído, como objetos, quer dizer, como um conjunto de reações determinadas, que nada se distingue do conjunto das qualidades e dos fenômenos que constituem uma mesa ou uma cadeira ou uma pedra. (SARTRE, 1973, p 21).

Assim, Sartre busca distinguir os valores humanos dos materiais. No entanto, em seguida, o filósofo aponta que a subjetividade, esboçada no cogito não se trata de “*uma subjetividade rigorosamente individual*”. (SARTRE, 1973, p. 21-22), o que pode soar até contraditório. Sartre coloca essa questão porque o sujeito que se reconhece através do cogito, ao se descobrir como existente, não reconhece apenas a si mesmo, mas apreende também as demais consciências, projetos e outros sujeitos que lhe são apresentados no *cogito*. Isto é, o homem não está só no mundo, existe o Outro. Eis o porquê do grande problema que envolve a liberdade na filosofia existencial ser exatamente o de pensar essa condição do sujeito, que apesar de sua individualidade vive em comunidade, isto é, compartilha sua vida com o outro. Sendo assim, na filosofia existencial, o fazer, o construir não se reduz apenas ao sujeito cognoscente.

Se observarmos o que relatam alguns comentadores da filosofia, logo perceberemos que apesar das muitas tentativas de Sartre de “unir” ou pelo menos aproximar o existencialismo ao marxismo, muitas críticas imputadas ao existencialismo lhes são atribuídas, especialmente, por marxistas, que compreendem o existencialismo como sendo uma doutrina, obscura, individualista e, entre outros aspectos, burguesa. Sustentando a ideia de que:

[...] a fenomenologia pode ser útil hoje, duma maneira muito precisa, no plano social e revolucionário, por fornecer à pequena burguesia uma filosofia que lhe permita ser e tornar-se a vanguarda do movimento revolucionário internacional. Por intermédio das intencionalidades da consciência, poderia dar-se à pequena burguesia uma filosofia que correspondesse à sua existência própria, e lhe permitisse tornar-se vanguarda do movimento revolucionário mundial. (SARTRE, 1973, p. 35).<sup>3</sup>

Abbagnano procura caracterizar a fenomenologia do seguinte modo: “Descrição daquilo que aparece ou ciência que tem como objetivo ou projeto essa descrição. [...] aquilo que se manifesta em si mesmo, como é em si, na sua essência” (2001, p. 446). Essa compreensão da fenomenologia pode ser identificada, sobretudo no pensamento de Edmund Husserl. E é inegável que a fenomenologia deu uma considerável contribuição para o existencialismo, a partir da redução *eidética*, ou seja, o voltar para as coisas mesmas, na forma como elas aparecem na existência, por isso, o conceito de fenomenologia ocupa no pensamento sartreano considerável importância. Todavia, o existencialismo foi muito mais adiante ao considerar a existência. É neste sentido, que Thomas Ranson Giles em *História do Existencialismo e da fenomenologia* aponta de forma bem mais radical a diferença entre a fenomenologia, em seus inícios, e o existencialismo.

Em suas origens, a fenomenologia, longe de ser um existencialismo, era uma filosofia das essências. Longe de se interessar pelo conteúdo existencial do fenômeno, ou seja, aquilo que sugere a cada instante a própria experiência, a fenomenologia colocava entre parênteses toda posição da existência e todo dado para desengajar as essências ideais. (GILES, 1937, p. 234).

Tem-se então que, enquanto a fenomenologia em seus inícios colocava a existência entre parênteses para encontrar a consciência transcendental, Sartre vai se preocupar em interrogar uma consciência situada existencialmente.

---

<sup>3</sup> Esse trecho retirado da obra *O existencialismo é um Humanismo* — da parte em que há uma discussão a respeito das ideias expressas por Sartre durante a palestra —, demonstra o questionamento de um marxista que alega a possibilidade da burguesia aliar-se ao existencialismo no sentido de se autodenominar como sistema dominante.

Expostas as principais questões que levaram os marxistas a criticar ferrenhamente o existencialismo, passaremos agora à abordagem cristã.

## **b) A crítica dos cristãos**

O entendimento cristão defende Deus como sendo o planejador e criador do homem. O que quer dizer que, assim como ocorre com os objetos fabricados pelo homem — que, antes mesmo de serem produzidos, já possuem virtualmente uma finalidade —, também o homem, antes de criado, já teria sido concebido na mente divina como um projeto a ser realizado. Sartre aponta que a censura cristã está em “[...] negarmos a realidade e o lado sério dos empreendimentos humanos, visto que, se suprimirmos os mandamentos de Deus e os valores inscritos na eternidade, só nos resta a estrita gratuidade, podendo cada qual fazer o que lhe apetece [...]” (SARTRE, 1973, p. 9).

Para os intelectuais cristãos isso implica dizer que o existencialismo lançaria o homem em um estado de certa permissividade sem limites e, de acordo com essa compreensão, a liberdade formulada no pensamento de Sartre se confunde com uma espécie de libertinagem. Em outras palavras, não havendo um Deus ordenador da moral, nem valores eternos, os cristãos compreendem que não haveria modo de justificar qualquer responsabilidade.

Neste sentido, o entendimento cristão não muito diferente da compreensão tradicional de homem da filosofia, aponta para a existência de uma natureza humana, regida pela noção de que a essência é anterior à existência, dizendo assim que o homem não age por si próprio, mas que em suas ações está a desempenhar algo que já foi pensado pela inteligência divina. Sartre aponta que esse modo de raciocinar a respeito da natureza humana pode ser percebido em todo século XVIII, até mesmo no chamado ateísmo dos filósofos onde “suprime-se a noção de Deus, mas não a ideia que a essência precede a existência” (SARTRE, 1973, p. 11). Isto implica dizer que mesmo no ateísmo dos filósofos persistia a noção da existência da natureza humana, isto é, de que a essência é anterior à existência. Sartre afirma ser esse entendimento compartilhado por filósofos como Descartes e, até mesmo, Kant, embora o próprio Sartre observe que a ideia de essência volta-se aqui para uma dimensão histórica da existência humana:

[...] O homem possui uma natureza humana; esta natureza, que é o conceito humano, encontra-se em todos os homens, o que significa que cada homem é um exemplo particular de um conceito universal — o homem; para Kant resulta de tal universalidade que o homem da selva, o homem primitivo, como o burguês, estão adstritos à mesma definição e possuem as mesmas qualidades de base. Assim, pois, ainda aí, a essência do homem precede a existência histórica que encontramos na natureza. (SARTRE, 1973, p. 11).

Em outros termos, Sartre afirma que para compreender o homem na existência não bastava apenas abolir Deus da questão, mas aceitar que “*a existência precede a essência*”, ou

seja, aceitar que o homem num primeiro momento não é nada, o que quer dizer que ele primeiro existe, surge no mundo, e só depois será possível defini-lo. Do contrário, parece se considerar que cada indivíduo é apenas “um exemplo particular”, isto é, apenas um modo como o conceito “homem” se apresenta.<sup>4</sup>

### 3. RESPOSTAS ÀS ACUSAÇÕES: O EXISTENCIALISMO COMPREENSIVO COMO UM HUMANISMO.

Como tentativa de esclarecer as críticas que lhe foram lançadas, Sartre mostra a necessidade de conhecer o sentido filosófico do existencialismo, por ele defendido. Se seus críticos tivessem observado seu contexto, logo teriam percebido que Sartre teve seus primeiros anos, bem como o início de sua carreira, marcados por uma época de mudanças e controvérsias que estão refletidas claramente em sua vida e obra.

Contudo, vale salientar que Sartre, diferentemente de outros filósofos, alcançou um público diferenciado e conseguiu chegar às massas, passando a ser visto como celebridade. No entanto, toda essa ascensão do filósofo não trouxe a público o verdadeiro sentido de sua filosofia ou do existencialismo. O que provocou foi, por vezes, uma espécie de vulgarização do termo, acarretando a chamada “moda existencialista”.

Dessa forma, para que ficasse claro o sentido filosófico do existencialismo, Sartre indica seu próprio conceito, afirmando que o existencialismo é “[...] a doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda a verdade e toda a ação implicam um meio e uma subjetividade humana [...]” (SARTRE, 1973, p. 10), mostrando assim que “*o existencialismo é um humanismo*”, o compreendendo como autor de sua existência e não como um ser previamente projetado. Deixando o homem de posse de sua humanidade, de sua condição de ser existente, conseqüentemente, o existencialismo permite ao homem penetrar em sua humanidade, o tornando legislador de si mesmo: “[...] o homem será o que tiver projetado ser” (SARTRE, 1973, p. 12).

É possível, então, entender o existencialismo de Sartre como a posição do homem que se constitui e, ao mesmo tempo, define-se pela soma total dos seus atos. Isto é, suas ações fazem ser o que ele é. Sendo o homem o único responsável pelo que fizer de sua vida, essa terá o sentido que lhe for por ele atribuído. Por outro lado, é justamente por isso que também para o existencialismo o homem se apresenta como que desamparado, isolado com seu eu e sua responsabilidade, em meio ao emaranhado de possibilidades. Liberdade e responsabilidade, eis o que caracteriza o homem enquanto homem.

---

<sup>4</sup> Kant na obra *Fundamentação da metafísica dos costumes* aponta para uma espécie de regra universal, que deveria reger ações individuais de modo que estas viessem a se tornar universais: “[...] nada mais resta do que a conformidade a uma lei universal das ações em geral que possa servir de único princípio à vontade, isto é: devo proceder sempre de maneira que eu possa querer também que a minha máxima se torne lei universal.” (KANT, 1960, p. 28). O homem em Kant não deve querer para o outro o que não lhe serve ou o que é prejudicial para si mesmo. Neste sentido, a máxima kantiana corrobora a ideia de que deve se ter o outro não como um meio, mas como um fim. Em suma, a conformidade a uma lei universal das ações, como apontara Kant, independentemente dos interesses subjetivos de cada um, recai no entendimento de uma dimensão da essência do homem como algo que é *a priori*.

Para Sartre, nem quietista, nem negativista, o existencialismo é fundamentalmente otimista:

[...] são as pessoas que criticam o existencialismo, as que se regalam com canções realistas, as mesmas que acusam o existencialismo de ser demasiado sombrio, e a tal ponto que me pergunto se elas não o censuram, não pelo seu pessimismo, mas exatamente pelo seu otimismo [...] o que os amedrontam, na doutrina que vou expor-vos, não é o fato de ela deixar uma possibilidade de escolha ao homem? [...] (SARTRE, 1973, p. 10).

Diferentemente do que pensam seus acusadores, o existencialismo não tem por objetivo levar o homem a calar-se ou amedrontar-se, mas procura mostrar que ele não deve ter ilusões. Por um lado, segundo Sartre, o existencialismo não é uma filosofia do quietismo (como pensavam os marxistas), visto definir o homem pela ação. Para ele, o homem não é senão o seu projeto em realização, ele só existe na medida em que se realiza, age. Por outro, por isso mesmo, longe de ser pessimista, de condenar a existência a um destino demasiado sombrio, o existencialismo é uma doutrina de crueza otimista, visto que, para ele, o destino do homem não está condenado a uma orientação inquebrantável, mas está em suas próprias mãos: é ele quem o escolhe, o projeta, o faz.

#### 4. CONCLUSÃO

Neste trabalho foi apresentado o existencialismo de Sartre e as críticas que lhe foram imputadas. Das acusações lançadas ao existencialismo, relatamos aqui especialmente as censuras feitas por cristãos e marxistas. Como observado, os acusadores do existencialismo sartreano acreditavam que o modo de pensar defendido por ele acabaria por jogar o homem no mundo e conseqüentemente abandoná-lo, sem nenhuma esperança ou solução para as circunstâncias nas quais ele viesse a se encontrar.

Da parte dos marxistas é possível verificar quanto às críticas, por um lado, a compreensão de que o existencialismo carregaria sobre si uma espécie de configuração burguesa, voltando-se apenas para a contemplação da realidade humana. Por outro lado, ainda, pesa sobre o existencialismo, a acusação de que, ao concentrar sua preocupação no sujeito em sua subjetividade, à filosofia existencial caberia a tarefa de despertar no homem o cuidado apenas consigo mesmo, isto é, uma preocupação apenas com o eu, sem preocupações sociais, sendo facilmente compreendida como uma filosofia individualista.

Por seu turno, as críticas cristãs o consideram como um destruidor de qualquer justificação para o agir moral, confinando o homem em um estado de pura espontaneidade, sem compromissos e sem responsabilidades.

Em *O existencialismo é um humanismo*, Sartre procura responder a todas as acusações que lhe foram lançadas, conclamando a um exame mais profundo do existencialismo. Nessa direção, Sartre mostra como a filosofia existencial, partindo do homem em sua existência

concreta, confere-lhe o domínio de si, cabendo somente a este escolher o modo como conduzirá sua vida. Dessa forma, o existencialismo contrariamente à compreensão marxista e ao ponto de vista cristão, se apresenta como uma filosofia engajada e otimista. Engajada enquanto descobre o homem em seu *fieri*, mostrando-se uma filosofia da ação e não da simples contemplação. Otimista enquanto concebe o destino não como uma fatalidade inevitável, mas como o resultado de escolhas, fruto da liberdade, cuja responsabilidade cabe apenas ao sujeito livre.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia*. Tradução: Conceição Jardim, Eduardo Lúcio Nogueira e Nuno Valadas. 4ª ed. Lisboa, janeiro, 2001.

GILES, Thomas Ransom. *História do Existencialismo e da Fenomenologia*. São Paulo: EPU, 1989.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos Costumes*. Tradução: Paulo Quintela. Coimbra: Atlântida, 1960. Coleção Biblioteca Filosófica.

SARTRE, Jean Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. São Paulo: Abril Cultural. 1973. Coleções Os Pensadores.